**Dr. Robert A. Peterson, Teologia Própria, Sessão 4,
Sondagens Históricas sobre a Trindade, Terceiro Século e Introdução a Agostinho**

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre teologia propriamente dita, ou Deus. Esta é a sessão 4, Sondagens Históricas sobre a Trindade, Terceiro Século e introdução a Agostinho.

Continuamos nosso estudo da Trindade com a teologia histórica da Trindade e com as Doutrinas Cristãs Primitivas de JND Kelly, avançando para o Trinitarismo do século III.

O terceiro século viu o surgimento de tendências conflitantes no pensamento trinitário, que forneceriam o material para controvérsias posteriores. Até então, a preocupação predominante do teísmo cristão tinha sido com a unidade de Deus. A luta com o paganismo e o gnosticismo empurrou este artigo bem para o primeiro plano.

Como resultado, enquanto os teólogos estavam obscuramente cientes das distinções dentro da única Divindade indivisível, eles mostraram pouca disposição para explorar as relações eternas dos três, muito menos para construir um aparato conceitual e linguístico capaz de expressá-las. O trinitarismo econômico do tipo dos primeiros pais continuou a encontrar seus expoentes no final do segundo e início do terceiro século. Seu próprio sucesso, no entanto, trouxe à tona uma reação poderosa em círculos, que lutaram contra a doutrina do Logos e suspeitaram que a ênfase crescente na triplicidade revelada pela revelação colocava em risco a unidade divina.

Essa corrente de pensamento era principalmente evidente no Ocidente. Era chamada de Monarquianismo porque seus adeptos, como Tertuliano a encarou, se assustavam com a economia e buscavam refúgio na monarquia. Monarchia em grego, é o axioma de que havia uma fonte e princípio divino de todas as coisas.

Ao mesmo tempo, um movimento diametralmente oposto estava em andamento no Oriente. Isso tomou a forma de uma concepção francamente pluralista da divindade, que tentou, sem sacrificar o princípio básico do monoteísmo, fazer justiça à realidade e distinção dos três dentro do ser eterno de Deus. Em outras palavras, à sua subsistência como pessoas.

Embora associada primeiramente a Alexandria, essa nova abordagem estava destinada a deixar uma impressão permanente no trinitarismo grego como um todo e, de fato, no pensamento cristão em geral. Hipólito e Tertuliano, nossa primeira tarefa é considerar dois teólogos que estavam mais ou menos diretamente na linha do Apologista e Irineu. Eles eram o católico romano, antipapa romano e mártir

Hipólito, que morreu em 235, e o norte-africano Tertuliano por volta de 160 a 220, ou alguns estudiosos dizem por volta de 220.

Como seus predecessores, ambos deram grande importância ao monoteísmo, devotando suas energias à refutação do dualismo gnóstico. Suas ideias eram semelhantes em alguns aspectos, mas Hipólito era mais superficial e tinha um sabor mais arcaico. A mente brilhante de Tertuliano foi capaz de formular uma declaração de valor mais duradouro.

A chave para o ensinamento deles quanto ao de Irineu é abordá-lo simultaneamente de duas direções opostas, considerando Deus A, como ele existe em seu ser eterno e B, como ele se revela no processo de criação e redenção. O termo abrangente que eles tomaram emprestado de Irineu para o último foi economia. Grego, oikonomia, latim, dispensatio.

De significar o plano divino ou o propósito secreto de Deus, a palavra passou a ser aplicada na teologia cristã à encarnação, o objetivo do propósito divino. Entre seus significados originais, no entanto, estava o de distribuição, organização, o arranjo de uma série de fatores em uma ordem regular ou impostos, palavra grega, e assim foi estendida para denotar a distinção de pai e filho, pai, desculpe-me, para denotar a distinção de Filho e Espírito do único Pai, conforme revelado na elaboração do plano redentor de Deus, a economia. Primeiro, então, Hipólito e Tertuliano ambos tinham a concepção de Deus existindo em solidão única desde toda a eternidade, ainda tendo iminente e indivisivelmente um consigo mesmo na analogia das funções mentais de um homem, sua razão ou palavra.

Esta é a doutrina familiar desde o apologista do Logos e do Diathetos, e Hipólito realmente usa o termo técnico. Para ele, assim como para Tation e Irineu, a palavra de Deus e sua sabedoria são distintas, sendo, de fato, o Filho e o Espírito considerados iminentes, mas Tertuliano segue uma tradição que iguala a sabedoria à palavra. Tertuliano é explícito, apontando que antes de todas as coisas, Deus estava sozinho, sendo seu próprio universo, localização, tudo.

Ele estava sozinho, no entanto, no sentido de que não havia nada externo a si mesmo, mas mesmo assim, ele não estava realmente sozinho, pois tinha consigo a razão que possuía dentro de si, isto é, sua própria razão. Além disso, ele traz muito mais claramente do que qualquer um de seus predecessores a alteridade ou individualidade desta razão ou palavra iminente. A palavra divina com a qual Deus vinha radicando desde a eternidade e que constitui, entre aspas, um segundo além de si mesmo, entre aspas.

Em segundo lugar, porém, a triplicidade do ser intrínseco de Deus se manifesta, desculpe-me, na criação e na redenção. De acordo com Hipólito, quando Deus quis,

ele engendrou sua palavra, usando-o para criar o universo e sua sabedoria para adorná-lo ou ordená-lo. Mais tarde, ainda com a salvação do mundo em vista, ele tornou a palavra até então invisível, invisível na encarnação.

Então, ao lado do Pai, isto é, a própria Divindade, havia outra Divindade em si; havia outra, uma segunda pessoa, enquanto o Espírito completava a tríade. Mas se há três revelados na economia, há, de fato, apenas um Deus, pois é o Pai que comanda, o Filho que obedece e o Espírito que nos faz entender. Hipólito é mais insistente na unidade essencial, afirmando que há apenas um poder e que quando falo de outro, não quero dizer dois deuses, mas, por assim dizer, luz da luz, água de sua fonte, um raio do sol.

Essas palavras fizeram seu caminho em alguns dos credos. Pois há apenas um poder, e aquele que emana do todo. O todo é o Pai, e o poder que emana do todo é a palavra.

Ele é a mente do Pai, portanto todas as coisas são por meio dele, mas somente ele é do Pai." Novamente, essas palavras não devem ser julgadas pela teologia posterior, porque se você fizer isso, elas soarão subordinacionistas, como se as pessoas não fossem pessoas, essa é uma palavra posterior, como se os três não fossem eternos, mas não é justo julgá-lo com base nisso. É cometer um anacronismo. Hipólito estava relutante em designar a palavra como Filho em qualquer outro sentido que não o proléptico até a encarnação, um sentido profético.

Tertuliano seguiu o apologista ao datar sua geração perfeita a partir de sua extrapolação para a obra da criação. Antes daquele momento, não se podia dizer estritamente que Deus teve um filho, enquanto depois dele, o termo pai, que para os teólogos anteriores geralmente conotava Deus Pai como o autor da realidade, começou a adquirir o significado especializado de Pai do Filho. Como assim gerada, a palavra Filho é uma pessoa, persona, e segunda além do Pai.

Em terceiro lugar, no entanto, há o Espírito, o representante ou representante do Filho. Ele emana do Pai por meio do Filho, sendo o terceiro do Pai e do Filho, assim como o fruto derivado do broto é o terceiro da raiz, e como o canal retirado do rio é o terceiro da nascente, e como o ponto de luz no raio é o terceiro do sol. Ele também é uma pessoa, de modo que a divindade é uma trindade, Trinitas.

Tertuliano é o primeiro a empregar a palavra. Os três são de fato numericamente distintos, sendo capazes de serem contados. Assim, Tertuliano pode declarar: "nós cremos em um só Deus, ainda que sujeito a esta dispensação, que é nossa palavra para economia, que o único Deus tem também um filho, sua palavra, que saiu de si mesmo, que Filho então enviou, de acordo com sua promessa, o Espírito Santo, o paracleto, do Pai."

Mais tarde, no mesmo contexto, ele pode equilibrar a unidade divina com "o mistério da economia, que distribui os três em Trindade, estabelecendo Pai, Filho e Espírito como três." Tertuliano se esforçou para mostrar que a trindade revelada na economia não era de forma alguma incompatível com a unidade essencial de Deus. Como Hipólito, ele argumentou que, embora três pessoas fossem várias manifestações de um único poder indivisível, notando que, na analogia do governo imperial, uma na mesma soberania poderia ser exercida por agências coordenadas.

Como o apologista, ele repetidamente repudiou a sugestão de que a distinção entre os três envolvia qualquer divisão ou separação. Era uma *distinctio* ou *dispositio*, uma distribuição, não uma *separatio*, e ele citou a unidade entre a raiz e seu broto, a fonte e o rio, e o sol e sua luz como ilustrações. Sua maneira característica de expressar isso era declarar que Pai, Filho e Espírito são um em substância.

Assim, Pai e Filho são uma substância idêntica, que não foi dividida, mas estendida. A afirmação do Salvador, Eu e o Pai somos um, indica que os três são uma realidade, entre aspas, não uma pessoa, apontando como faz para identidade de substância e não mera unidade numérica. O Filho é de uma substância com o Pai, e o Filho e o Espírito são comuns com a substância do Pai.

Usando uma linguagem materialista grosseira, ele considerava o Espírito divino como uma espécie altamente rarefeita de matéria, metaforicamente. Kantarian pode dizer, entre aspas, que o Pai é toda a substância, enquanto o Filho é uma derivação e porção do todo, entre aspas, onde o contexto deixa claro que porção não deve ser tomada literalmente como implicando qualquer divisão ou separação. Assim, quando ele resume o assunto, ele descarta a ideia de que as pessoas podem ser três em status, substância ou poder.

No que diz respeito a estes, a Divindade é indivisivelmente uma, e a trindade se aplica apenas ao grau, aspecto ou manifestação em que as pessoas são apresentadas. Hipólito e Tertuliano estavam de acordo com Irineu ao considerar os três revelados na economia como manifestações da pluralidade que eles apreenderam, embora obscuramente, na vida iminente da Divindade. Onde houve um avanço de Irineu foi em suas tentativas, uma, a, de tornar explícita a unicidade do poder divino ou substância da qual os três eram expressões ou formas, e b, em sua descrição deles como pessoas, *prosopa*, *grego*, *personae*, *latim*.

Este último termo, deve-se notar, ainda era reservado para eles como manifestado na ordem da revelação. Só mais tarde veio a ser aplicado à palavra no Espírito como iminente no ser eterno de Deus. Houve muita discussão sobre o significado preciso de sua terminologia, alguns argumentando que para Tertuliano, de qualquer forma,

com sua educação legal, substancial significava um pedaço de propriedade que várias pessoas poderiam possuir em conjunto.

Na verdade, porém, o sentido metafórico era o mais importante em sua mente, e a palavra conotava a essência divina, aquilo de que Deus é, com ênfase em sua realidade concreta. Como ele observa, "Deus é o nome para a substância, isto é, a divindade, e a palavra, longe de ser uma mera não-entidade nocional, é substancial, uma substância composta de espírito, sabedoria e razão". Portanto, quando ele fala do Filho como sendo de uma substância com o Pai, ele quer dizer que eles compartilham a mesma natureza ou essência divina.

E, de fato, uma vez que a Divindade é indivisível, são um ser idêntico. Por outro lado, os termos pessoa e pessoa, grego e latim, eram admiravelmente adequados para expressar a alteridade ou subsistência independente dos três. Depois de significar originalmente rosto, e então expressão, e então papel, o antigo grego prosopa, ou rosto ou pessoa, veio a significar indivíduo, a ênfase sendo geralmente no aspecto externo ou apresentação objetiva.

O sentido primário do latim persona era uma máscara, da qual a transição era fácil para o ator que a usava e para o personagem que ele interpretava. No uso legal, poderia representar o detentor do título de uma propriedade, mas, como empregado por Tertuliano, conotava a apresentação concreta de um indivíduo como tal. Em nenhum dos casos, deve-se notar, a ideia de autoconsciência hoje em dia estava associada à pessoa, e pessoal em tudo proeminente.

O monarquismo dinâmico, as últimas décadas do segundo século, testemunharam o surgimento de duas formas de ensino, que, embora fundamentalmente diferentes, foram reunidas por historiadores modernos sob o nome comum de monarquismo. O monarquismo dinâmico, mais precisamente chamado de adocionismo, era a teoria de que Cristo era um mero homem, sobre quem o Espírito de Deus havia descido. Era essencialmente uma heresia cristológica, mas as circunstâncias em que surgiu justificam seu tratamento aqui, sob o trinitarismo.

Modalismo, então há o monarquianismo dinâmico e o modalismo monarquianismo. O que eles têm em comum? Monarquianismo é a realeza e a unidade de Deus. Esses erros, e eles foram grandes erros, demonstram que a igreja não se desviou da unidade da Divindade.

Na verdade, era tão grande que eles tentaram contabilizar os dados referentes ao Filho especialmente, e ao Espírito, erroneamente. Mas não podia ser movido da unidade de Deus. Isso é bom.

Esses outros resultados foram terríveis. Cristo é um mero homem.

E Deus o adotou dando-lhe o Espírito. Bem, não foi isso que aconteceu em seu batismo? Não. O Filho eterno que se tornou homem recebeu o Espírito para que ele fizesse seu ministério terreno em seu batismo.

Ele não era, e sim, ele foi adotado em um sentido, mas não neste sentido, de ser um mero homem e ser adotado como algum tipo de ser divino menor que Deus. O modalismo, que sozinho era designado por monarquianismo pelos contemporâneos, tendia a confundir as distinções entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A classificação de ambos como formas de monarquianismo decorre das suposições de que, apesar de diferentes pontos de partida e motivos, eles estavam unidos por uma preocupação com a unidade divina, ou monarquia .

Modalista monarquianismo . Se o monarquianismo dinâmico era um fenômeno relativamente isolado com um apelo predominantemente racionalista, o mesmo não pode ser dito do monarquianismo propriamente dito, também chamado de modalismo, que era uma tendência popular de pensamento bastante difundida, que podia contar com pelo menos uma medida de simpatia nos círculos oficiais. E a força motriz por trás disso era a dupla convicção apaixonadamente mantida da unicidade de Deus e da divindade plena de Cristo.

O que o forçou a vir à tona foi a crescente suspeita de que a primeira dessas verdades estava sendo ameaçada, a unidade de Deus, pela nova doutrina do Logos e pelos esforços dos teólogos para representar a Divindade como tendo se revelado na economia como tri-pessoal. Três são Deus? Isso não põe em perigo a unidade de Deus? Essa é uma verdade inegociável. Era, mas esse resultado não foi bom.

Qualquer sugestão de que o Verbo ou o Filho fosse diferente ou uma pessoa distinta do Pai parecia aos modalistas levar inescapavelmente à blasfêmia de dois deuses. Então, conseqüentemente, o modalista os monarquistas ensinavam que há um Deus, e de fato ele se revelou como Pai, e em Cristo ele se revelou como Filho, e no Pentecostes e depois ele se revelou como Espírito. Mas isso foi feito sucessivamente, não simultaneamente.

Agora Deus, o único Deus, era Pai. Agora, o mesmo Deus era Filho, não mais Pai. E agora o único Deus foi revelado como Espírito, não mais Pai ou Filho.

O uso da palavra modo não é decisivo, pois podemos falar sobre haver três pessoas, três modos de ser e três maneiras de ser dentro da única essência divina, e essas são todas maneiras ortodoxas de falar. Mas o que é crítico é: os três são simultaneamente Deus ou os três são sucessivamente Deus? O pentecostalismo unicista é uma forma moderna de modalismo, que se apegava a Jesus, o Pai, Jesus, o

Filho, e Jesus, o Espírito Santo. Na luta ariana, aqueles que negavam a divindade de Cristo, a questão que agitava as mentes dos homens era a divindade plena do Filho.

Embora este fosse um constituinte essencial na doutrina da Trindade, esta última foi, a princípio, mantida em segundo plano. O Credo Niceno, de fato, apenas afirmou a crença no Espírito Santo, e muitos anos tiveram que se passar antes que houvesse qualquer controvérsia pública sobre a posição do Espírito na Divindade. No entanto, uma discussão das questões mais profundas não poderia ser adiada indefinidamente, e aqui, traçaremos a formulação da ortodoxia trinitária.

Os teólogos principalmente responsáveis por isso estavam no Oriente, os Padres Capadóciolos. Preciso de outra linha aí, obrigado, meu amigo. Basílio, o Grande, 325 a 379, Gregório de Nissa, seu irmão, 335 a 395, e Gregório Nazianzeno, 325 a 390.

Gregório de Nissa era o irmão mais novo de Basílio. No Ocidente, Agostinho, é claro. Queremos ver como eles fizeram isso, mas há algumas linhas de pensamento que nos levam a isso.

A primeira é a conversão de um grande número de clérigos homo-et-ousianos à aceitação da visão homo-ousiana. Oh meu Deus, eu já lhe disse antes, nós teólogos profissionais amamos essas coisas porque elas nos mantêm empregados, essas distinções. A segunda foi, e eu explicarei do que estou falando, o surgimento do interesse no status do Espírito Santo, culminando em seu reconhecimento como totalmente pessoal e consubstancial ao Pai e ao Filho.

A teologia cristã foi atacada. Você consegue imaginar as pessoas entrando em guerra por uma letra grega? Bem, se o Filho é igual ao Pai e o Pai, ou se ele é como ele, é um conceito bastante importante, e sim, poderia ser expresso por uma letra ou por mil palavras, independentemente, é uma questão importante. As figuras amplamente envolvidas no primeiro desses desenvolvimentos foram Atanásio e Hilário de Poitiers.

Ambos perceberam, no que diz respeito às questões fundamentais, que a lacuna entre os homo-et-ousianos e o partido niceno, homo-ousianos, era extremamente estreita e que o sucesso final deste último poderia ser assegurado pelo estabelecimento de uma reaproximação entre eles. Assim, em seu De Sinaitis 359, Atanásio fez um gesto conciliatório, saudando os homo-et-ousianos como irmãos que, em essência, estavam em harmonia consigo mesmo, pois reconheciam que o Filho era da ousia do Pai, e não de outra hipóstase. Sua prole autêntica e coeterna com ele, eles estavam próximos o suficiente para admitir o homo-ousiano, que sozinho expressava com precisão a verdade que eles evidentemente aceitavam.

Hilário foi ainda mais longe em suas formulações. Um passo prático adicional de grande importância foi dado em 362 no Concílio de Alexandria, que se reuniu sob a presidência de Atanásio. Todo leitor atento deve ter notado e ficado surpreso com a extensão em que as divisões teológicas nessa época foram criadas e mantidas vivas pelo uso de termos teológicos diferentes e mutuamente confusos.

No Concílio de Alexandria, foi formalmente reconhecido que o que importava não era a linguagem usada, mas o significado subjacente a ela. Yay! Progresso linguístico, meus amigos. Assim, a fórmula, três hipóstases, até então suspeita para os nicenos, porque soava dolorosamente em seus ouvidos como três ousias, três seres divinos, foi pronunciada legítima, desde que não carregasse a conotação ariana de hipóstases alienígenas completamente distintas, diferentes em substância umas das outras.

Em outras palavras, três princípios ou deuses diferentes. O que está acontecendo é a conciliação em virtude da definição e guarda da linguagem, mas meramente expressa, isto é, ousias, três ousias, meramente expressavam a subsistência separada das três pessoas na tríade consubstancial. A fórmula oposta, uma hipóstase, tão perturbadora para os anti-nicenos de todas as escolas, foi igualmente aprovada, seus adeptos sendo explicados que eles não tinham intenção civil, mas igualando hipóstase com ousias, estavam meramente tentando trazer à tona a unidade da natureza entre o Pai e o Filho.

Por esta decisão de estadista, que incidentalmente chocou muitos no Ocidente, que viam em três hipóstases uma confissão de triteísmo, a união entre as duas partes foi virtualmente selada, e podemos ver prenunciada nela a fórmula que se tornou o emblema da ortodoxia, uma ousias, três hipóstases, uma essência, três pessoas. A teoria foi avançada de que ao fazer essas aberturas, Atanásio e Hilário estavam sancionando o uso do homoousion em um sentido de atousion doméstico, e esse é um erro que não perseguiremos, se considerados como pai e filho, as pessoas são duas, e podem ser adequadamente designadas como semelhantes, a substância que ambos possuem, e estão em um, e são é um e indivisível. Esta atitude de estadista de Atanásio e Hilário não foi sem efeito.

Chegando em um momento em que o grande corpo dos homoousions estava ficando cada vez mais apreensivo com a ameaça do arianismo absoluto, isso acalmou suas suspeitas de que o partido ortodoxo era inveteradamente sibeliano, e tornou a teologia homoousion mais palatável para eles. O homoousion do Espírito, Atanásio, a segunda linha de desenvolvimento, que é o reconhecimento da divindade plena do Espírito, exige uma discussão mais longa, incluindo um relato da contribuição pioneira de Atanásio. Desde os dias de Orígenes, a reflexão teológica sobre o Espírito ficou visivelmente atrás da prática devocional.

Orígenes criou problemas ao exegetizar João 1-3 para argumentar que o espírito é uma das coisas que vieram à existência através do sol. Caramba. Os capadóciolos tiveram que abordar algumas dessas questões.

Se eles fossem responder à provocação ariana, de que a homoousion do Espírito parecia envolver o Pai em ter dois filhos, os capadóciolos diferenciavam entre o modo de Orígenes do sol e o do espírito. Gregório de Nissa forneceu o que provaria a declaração definitiva. Os outros dois capadóciolos não foram tão claros ou enfáticos.

O Espírito, Gregório de Nissa ensinou, é de Deus e é de Cristo. Ele procede do pai e recebe do filho. Ele não pode ser separado da palavra.

A partir disso, é um pequeno passo para a ideia da dupla processão do espírito. De acordo com Gregório de Nissa, as três pessoas devem ser distinguidas por sua origem, o Pai sendo causa e as outras duas causadas. As duas pessoas que são causadas podem ser designadas posteriormente, pois uma delas é diretamente produzida pelo Pai, enquanto a outra procede do Pai por meio de um intermediário.

Visto sob esta luz, somente o Filho pode reivindicar o título de unigênito, e a relação do Espírito com o Pai não é de forma alguma prejudicada pelo fato de que ele deriva seu ser dele através do Filho. Tudo isso é eterno, eles não são seres criados. Em outro lugar, Gregório fala do Filho como relacionado ao Espírito como causa para efeito e usa a analogia de uma tocha transmitindo sua luz primeiro para tocar outra tocha e então através dela para uma terceira a fim de ilustrar a relação das três pessoas.

É claramente a doutrina de Gregório que o Filho atua como um agente, sem dúvida em subordinação ao Pai que é a fonte da Trindade na produção do Espírito. Depois dele, o ensinamento regular da igreja oriental é que a processão do Espírito Santo é do Pai através do Filho. Como declarado pelos Capadóciolos, a ideia da dupla processão do Pai através do Filho carece de qualquer traço de subordinacionismo, pois seu cenário é um reconhecimento sincero do homoousion do espírito.

O Espírito é da mesma substância que o Pai e o Filho. Em outras palavras, o Espírito também é Deus, enquanto há apenas um Deus. Os Capadóciolos e a Trindade, o clímax dos desenvolvimentos que temos estudado foi a afirmação reafirmação da fé nicena no concílio de Constantinopla em 381.

Nessa época, a consubstancialidade do Espírito e do Filho foi formalmente endossada. A teologia que prevaleceu, como exemplificado pelos próprios grandes capadóciolos e por professores como Dídimo, o cego, e Evágrio Pôntico pode ser razoavelmente descrito como, em substância, o de Atanásio. É verdade que seu ângulo de abordagem era um pouco diferente do seu emergindo da tradição do

homo ocean, era natural que eles fizessem das três hipóstases, em vez da substância divina, seu ponto de partida.

Como Atanásio, eles eram campeões do homo ocean tanto do Filho quanto do Espírito. A essência de sua doutrina é que a única divindade existe simultaneamente, é isso que a diferencia do monarquismo modalista ou modalismo que sustentava sucessivamente que Deus existe como Pai, Filho e Espírito. A essência de sua doutrina é que a única divindade existe simultaneamente em três modos de ser ou hipóstases.

Então Boswell observa: "Tudo o que o Pai é é visto no Filho e tudo o que o Filho é, vendo que o Filho pertence ao Pai, o Filho em sua totalidade permanece no Pai e em troca possui o Pai em sua totalidade em si mesmo. Assim, a hipóstase do filho é, por assim dizer, a forma e a apresentação pela qual o pai é conhecido e a hipóstase do pai é reconhecida na forma do filho. Aqui temos a doutrina da co-inerência ou como foi chamada mais tarde pericorese das pessoas divinas.

Pode-se dizer que a divindade existe indivisa em pessoas divididas e há uma identidade de natureza nas três hipóstases. Os três têm uma natureza, a saber, deus, o fundamento e a unidade, sendo o pai do qual e para quem as pessoas subseqüentes são contadas. Enquanto todo subordinacionismo é excluído, o pai permanece aos olhos dos capadócijs como a fonte, manancial ou princípio da divindade.

Esse é o cristianismo oriental até hoje. O pensamento é que ele transmite seu ser às duas outras pessoas, e assim pode ser dito que as causa, mas esta é uma transmissão eterna do ser. Para explicar como uma substância pode estar simultaneamente presente em três pessoas, eles apelam para a analogia de um universal e seus particulares.

Deste ponto de vista, cada uma das hipóstases divinas é a usia ou essência da divindade determinada por sua característica particularizante apropriada. Para a base, essas características particularizantes são, respectivamente, a paternidade do Pai, a filiação do Filho e o poder santificador ou santificação do espírito. Os outros capadócijs as definem mais precisamente como em geratividade não gerado o Pai geratividade geração do Filho e missão ou processão do Espírito.

Assim, a distinção das pessoas é fundamentada em sua origem eterna dentro da divindade e relação mútua. Os capadócijs analisaram assim as maneiras pelas quais a substância divina indivisível se distribui e se apresenta e, portanto, elas passaram a ser denominadas modos de vir a ser. Na linguagem moderna, toda a substância invariável sendo composta é idêntica a todo o ser invariável de cada pessoa.

A individualidade é apenas a maneira pela qual a substância idêntica é objetivamente apresentada em cada pessoa . Os capadócijs tinham, portanto, analisado a concepção de hipóstases hipóstase muito mais profundamente do que Atanásio. Acusações de que eles eram triteístas são absurdas e devem ser rejeitadas.

A contribuição de Santo Agostinho 354 a 430 o maior pai da igreja primitiva e talvez o cristão mais influente na história da igreja pelo menos através da Reforma para Lutero e Calvino ambos o consideravam como seu professor. Foi Agostinho, no entanto, que deu à tradição ocidental dos capadócijs deu à tradição oriental sua forma. Foi Agostinho, no entanto, que deu à tradição ocidental sua expressão madura e final.

Durante toda a sua vida como cristão, ele estava meditando sobre o problema da Trindade, explicando a doutrina da igreja aos inquiridores e defendendo-a contra ataques. Talvez sua maior obra seja a longa e elaborada discussão conhecida como Detritate sobre a Trindade, que ele reuniu em diferentes datas entre 399 e 419. Ele aceita sem questionar a verdade de que há um Deus que é uma Trindade e que Pai, Filho e Espírito são ao mesmo tempo distintos e coesenciais numericamente um em substância, e seus escritos abundam em declarações detalhadas sobre isso. Ele em nenhum lugar tenta prová-lo; no entanto, é um dado da revelação que, em sua opinião, a escritura proclama em quase todas as páginas e que a fé católica, a fé universal, transmite aos crentes.

Este é um exemplo supremo de seu princípio de que a fé deve preceder o entendimento. Um princípio que se tornou mais famoso por Anselmo, mas como sempre a fonte é Agostinho. Enquanto a exposição de Agostinho da ortodoxia trinitária é escritural em toda a sua concepção de deus como ser absoluto, simples e indivisível, transcendendo as categorias, forma seu pano de fundo sempre presente.

Então, em contraste com a tradição que fez do pai seu ponto de partida, a tradição oriental que ele começou, ele começa com a própria natureza divina. Vários corolários seguem dessa ênfase na unicidade da natureza divina. Exploraremos mais isso amanhã. Estou apenas dando os contornos em nossa próxima palestra. Quero dizer, vou apenas dar alguns contornos agora.

Isso leva a essa distinção das pessoas que Agostinho vê como fundamentada em suas relações mútuas dentro da divindade. Terceiro, Agostinho sempre ficou intrigado em explicar o que é a processão do espírito ou onde ela difere da geração do Filho. Por fim, a contribuição mais original de Agostinho para a teologia trinitária é seu uso de analogias da estrutura da alma humana.

A função destes, deve-se notar, não é tanto demonstrar deus como uma trindade. Em sua visão, a revelação ensina que aprofundar nossa compreensão do mistério da

unidade absoluta e ainda a distinção real entre os três. Se Deus quiser, exploraremos o ensinamento de Agostinho, que representa a coroa da teologia trinitária do Ocidente, em nossa próxima palestra.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre teologia propriamente dita, ou Deus. Esta é a sessão 4, Sondagens Históricas sobre a Trindade, Terceiro Século e Introdução a Agostinho.